

“Falar em deportação em massa na comunidade portuguesa dos EUA é puro alarmismo”



POR FRANCISCO RESENDES, NOS EUA*

No passado dia 05 de Novembro o povo americano saiu à rua para exercer o seu direito cívico de votar e fazer ouvir a sua voz, naquele que foi o 60º ato eleitoral dos EUA para eleger o 47º presidente dos EUA.

O povo, que é soberano em qualquer democracia do mundo, falou bem alto e quis mudança, votando no candidato apoiado pelo Partido Republicano, o empresário e magnata de New York, produtor de televisão, natural de New York, 78 anos de idade. Vai liderar o país nos próximos quatro anos.

Contra todas as previsões, Donald Trump protagonizou o maior “come back” da política norte-americana, com uma vitória clara e inequívoca, ganhando no Colégio Eleitoral (312 delegados contra 226 da sua oponente, apoiada pelo Partido Democrata) e obtendo 50% do voto popular (76.818.362 contra 74.308.711 de Kamala Harris, 48.4%).

A última vez que um candidato republicano venceu desta forma foi em 2004, quando George W. Bush bateu o seu oponente democrata John Kerry, assegurando o Colégio Eleitoral e o voto popular, e conseqüente reeleição.

Para além da presidência, o Partido Republicano assegurou as duas câmaras alta e baixa: Senado e Câmara dos Representantes.

A vitória nos chamados estados oscilantes (“Swing States”) foi determinante.

Para muitos analistas e observadores, este descalabro total do Partido Democrata deve-se, acima de tudo, ao fraco desempenho da administração Biden em questões fulcrais e essenciais: economia e imigração ilegal.

É que os primeiros dois anos da presidência de Joseph Biden revelaram-se, na questão da imigração, um autêntico desastre, atingindo um número recorde de entradas ilegais no país.

Uma situação dramática que alguns estados e cidades não tiveram capacidade de resolver. Entraram aqui aos milhares e foram invadindo cidades, ocupando hotéis e residências, havendo relatos de roubos, violações de mulheres, tráfico de crianças e outros flagelos sociais num país que, sim senhor, sabe acolher, mas não desta forma.

Há dias ouvimos um testemunho de alguém que trabalha num hotel na região de Boston, tendo afirmado que os casos de violação de mulheres tem atingido números verdadeiramente assustadores.

Para além desse flagelo social há a questão económica: quem paga por todas as despesas advindas de toda esta gente que entra ilegalmente no país? O zé povinho, podem crer.

De que forma: aumentam os seguros de saúde, de propriedade, de carro, aumentam os impostos disto e daquilo.

Enquanto Kamala Harris e o Partido Democrata ocupavam o tempo em questões como o direito reprodutivo das mulheres, as alterações climáticas e a igualdade dos cidadãos LGBT, que são importantes também, a campanha de Trump concentrou as atenções em questões prioritárias para os cidadãos: a economia e o problema da imigração ilegal, que acaba por afetar a economia.

Foi aqui que o Partido Democrata perdeu: não soube ler nem interpretar as preocupações prioritárias dos cidadãos.

Diz-se por aí que os americanos votam com os bolsos e a carteira! Não será assim, por exemplo em qualquer parte do mundo?

Claro que há outras razões para a derrota do Partido Democrata: a incapacidade de eleger alguém com carisma e com provas dadas.

Apostou em Kamala Harris, uma nulidade, figura apagada, conotada com a fragilidade do atual momento económico, social e político.

Por outro lado, os americanos ainda têm na memória a situação económica saudável de 2016 a 2020. E mais: quem derrotou Trump nas eleições de 2020 não foi Joseph Biden. Foi o Covid-19.

Não fosse a pandemia e Trump teria sido reeleito. Goste-se ou não se goste do homem. É pragmático, decidido e de pulso forte, o que é importante para os tempos que atravessamos atualmente, quer a nível interno quer na cena internacional.

Claro que não concordamos com algumas políticas que pretendem introduzir e o seu perfil e atitude pessoal, mas os eleitores votaram no programa apresentado e não na pessoa.

O que se recomenda agora é muita calma e aguardar. Caso isto “dê baraca”, então daqui a dois anos, nas eleições intercalares para o Congresso, o povo vai manifestar-se e impôr a sua vontade.

Impacto na comunidade portuguesa e mudança de paradigma

Os Estados Unidos sempre se debateram com problemas de imigração ilegal ao longo dos anos.

Quando se fala em deportação em massa, na próxima administração de



Trump, é preciso referir que nos últimos tempos quem lidera nesta matéria é o democrata Barack Obama.

Na sua administração foram deportados 3 milhões de indocumentados, logo seguido pelo republicano George W. Bush, com 2 milhões. (Ainda não há números sobre a administração Biden).

É verdade que as deportações de imigrantes nos EUA têm sido um tema controverso ao longo da história refletindo as mudanças de política nesta matéria e nas últimas décadas os presidentes têm implementado estratégias que resultaram na deportação de milhões de imigrantes, gerando intensos debates sociais e políticos.

Muito se tem falado e escrito sobre o que Donald Trump e os republicanos pretendem fazer nesta matéria e que impacto isso terá na comunidade portuguesa.

Sabemos que para muitos esta vitória do magnata de New York é um desastre para o país, chegando a atingir um cenário quase apocalíptico. Puro exagero.

Claro que é preocupante para alguns portugueses indocumentados nos EUA, afinal uma situação transversal ao que se passa noutros países. Mas a larga maioria imigrou para os EUA de forma legal.

Não acreditamos que uma eventual deportação em massa venha a acontecer e em particular chegue a atingir os portugueses, até porque experiências e situações no passado demonstram claramente que tem havido muito alarmismo em redor desta questão.

Conhecemos, no meio onde residimos, muitos nossos conterrâneos que enfrentaram esse problema e acabaram por resolver a sua situação, de uma forma ou de outra.

É preciso que se diga que a larga maioria dos portugueses que imigraram para os EUA, com toda a documentação requerida, são conotados como gente trabalhadora, honesta, com grande vontade de vencer e proporcionar à família uma vida mais próspera e digna.

Estamos em crer que Donald Trump e os republicanos tencionam deportar em massa imigrantes ilegais tendo em vista e em maior escala aqueles com passado criminoso.

Não é o caso da maioria dos nossos patrícos, mesmo indocumentados,

que são geralmente ordeiros e seguidores das regras que orientam este país.

Falamos com alguns deles e não vimos indícios de grande preocupação.

A estes recomenda-se, agora e sempre, sigilo e evitar todo o tipo de problema e, claro, resolver a sua situação.

Convém esclarecer que uma deportação em massa (fala-se em 11 milhões) teria repercussões negativas na economia do país. Não nos parece que venha a acontecer.

A comunidade portuguesa nos EUA tem sido exemplar e elogiada publicamente a todos os níveis.

Temos exemplos de gente e instituições que têm dado um largo contributo para o desenvolvimento económico, social e político desta grande nação.

Os portugueses imigraram para este país em busca de trabalho e não como alguns de agora que vêm para aqui em busca de benefícios e regalias sociais, tudo caído do céu e à custa da classe média, que trabalha e sustenta esses que nada querem.

É preciso que se diga que há uma mudança de paradigma na comunidade portuguesa no que se refere ao seu status social: hoje é uma comunidade integrada, participativa no processo político-social do país, que cresceu e valorizou-se a todos os níveis, graças à sua capacidade de adaptação e essa enorme vontade de proporcionar uma melhor vida aos seus familiares.

Há muito deixou de ser conotada como uma comunidade imigrante. Até porque o fluxo migratório português em massa estagnou há vários anos.

A nossa comunidade tem-se valorizado mercê dos seus princípios e valores trazidos da terra de origem e que encontra neste grande país terreno propício ao cultivo dessas virtudes.

Falar em deportação em massa a atingir a comunidade portuguesa é puro alarmismo e revelador de um desconhecimento total da real situação da nossa gente, cuja presença nos EUA é mais que centenária e disso há sinais vivos da nossa afirmação, identidade cultural e integração.

*Jornalista.
Director do “Portuguese Times”